

# O ROMANCISTA JORGE AMADO

*O Dia – 10 de janeiro de 1936.*

Chego tarde para falar do sr. Jorge Amado, tido, hoje em dia, como o romancista prodígio do Brasil.

Escritor sincero, sem nada de supérfluo, pouco paisagístico e mais humano, ele vive com os seus romances e faz deles obra de puro sentimento e de profunda dor. Não procura estilo vistoso para se esconder. Claro, personalíssimo, com o gosto da síntese aliado ao gosto da análise, há no sr. Jorge Amado um grande estudioso de costumes, um grande tradutor das misérias do proletariado rural (veja-se “Cacau”) e urbanista (veja-se “Suor”). Cada homem, para esse jovem escritor, é um mundo de ideais de libertação, cada indivíduo a idéia revolucionária reivindicadora em marcha. Cada página sua nada tem de artificial: é impressionante como impressionante é a realidade. O sr. Jorge Amado afirmou-se como tradutor de anseios, como retratista fiel de ambientes. Em poucas palavras, com sobriedade de pasmar ele pinta os quadros mais confusos, interpreta os pensamentos mais desconexos, paixões, conflitos de estarrecer. E em tudo não esquece um pouco de romantismo, uma dose de lirismo, um pouco de poesia. Nada tem de paulificante como tantos romancistas que andam por aí a comprar a paciência alheia...

Cada figura de um romance do sr. Jorge Amado tem o seu destino marcado, age segundo esse destino, existe para cumprir o seu destino. Não foge a ele. Pelo

contrário, procura-o, vai ao seu encontro. Assim são todos os personagens de “Jubiabá”, desde a velha Luiza até Antonio Balduíno. E o sr. Jorge Amado nunca esquece que os personagens de seus romances são figuras humanas e não fantoches. Antonio Balduíno será a figura mais popular entre as figuras criadas pelos nossos ficcionistas. Ágil e lépido, não tem a importunar-lhe pensamentos filosóficos nem frases feitas com silabismo ridículo. É sincero até no falar. Não esconde o que pensa e diz o que pensa, como pode um homem do “morro” dizer sem se tornar artificial ou mesmo ridículo. A figura do macumbeiro Jubiabá, essa então é notável. Todos nós a conhecemos de perto, todos nós admiramos e temos verdadeira veneração pelo seu jeito modesto e sensato de dono de espíritos ignorantes, mais ingênuos que ignorantes. Jubiabá é uma figura típica nesse Brasil imenso, fértil em macumbeiros de todas as espécies e profissões. O sr. Jorge Amado excedeu-se no seu “Jubiabá”. É um livro para todos os públicos. Comove e encanta. Saturado de vida. Não encontra similar entre os romances aparecidos nesses cinco anos.

Acredito que o sr. Jorge Amado – a quem a técnica do romance não encerra mais mistérios – tenha chegado com “Jubiabá” à sua maturidade intelectual, o que é de admirar devido à pouca idade que dizem ter o escritor nervoso de “Suor”. Chegou cedo onde muito figurão das letras não consegue chegar nem mesmo na velhice. Criou tipos que hão de ficar. “Jubiabá” é o nosso maior romance moderno.

Nada falta para a consagração do sr. Jorge Amado como romancista. “Jubiabá” é livro que não se pode ler só uma vez. As cenas do morro, a toada triste que vem do mar, a viagem no saveiro, as cenas passadas em Feira de Santa Anna, são dignas de serem firmadas por qualquer dos maiores romancistas da Europa ou da América do Norte. Domina uma multidão de personagens com a maior naturalidade e sem forçar motivos.

É uma outra revelação esse sr. Jorge Amado de “Jubiabá”! Vigoroso, humano, domina desde as primeiras páginas o leitor mais exigente.